

JOSÉ CARDOSO PIRES



ALICE GEIRINHAS

A retórica das luzes

Durante dois dias a Cidade dos Corvos andou a pulular de chefes de Estado entontecidos com as iluminações do Menino Jesus que está para vir. Como semanas antes o Dr. João Soares tinha ameaçado que ia modernizar a capital com repúblicas de estudantes à maneira de Coimbra, ainda pensei que os Grandes Cavalheiros da Europa fossem recebidos por toda a população fardada de capa e batina a entoar fados mondegos.

Engano. Além da euforia das luzes tristes, não lhes demos coisa nenhuma e ainda bem, porque eles também não nos trouxeram nada que valesse a pena. De resto, não seria muito fácil contentar uma gente de mãos tão largas como a nossa, que numa só embaixada ao Santo Padre deixou o mundo inteiro de boca aberta com os presentes que levava. Ouro, mistérios e especiarias, não faltou nada naquela Disneylandia, desde o rinoceronte do Dürer e os escravos de dentes de pérolas até às cornucópias de diamantes com promessas para mais e melhor.

Mas isso foi tempo. Hoje o país está em austeridade tão desrespeitosa que já nem poupa os militares. A oposição protesta.

Toda a oposição, comunistas incluídos. Todos os patriotas de História comovida que à esquerda, ao centro e à direita esbravejam, indefectíveis, para que não haja generais em Portugal a marchar a pé descalço. É que os representantes do povo jamais poderão esquecer o que devemos aos bravos de profissão que, em sentido e por disciplina (mas com o coração a sangrar), prestaram serviço à censura, aos tribunais especiais, às polícias serviçais e a outros azares que tais, até apontarem em força para as guerras coloniais.

De modo que o coro de protestos contra os cortes no orçamento militar com que a oposição nobilitou a Assembleia da República foi, senhores ilustres deputados, um acto de afirmação histórica.

Há coisa de meio século, Einstein chamou por escrito ao Exército “a pior das instituições gregárias”. E acrescentou: “Considero digno de todo o desprezo um homem que sente algum prazer em desfilar em parada ao som duma marcha militar. Odeio o heroísmo a pedido, a violência gratuita e o nacionalismo idiota.”

Em certa medida este desabafo perdoa-se: coincide com a

explosão de uma bomba atômica e é um aviso à Guerra do Vietname que esfrangalhou a razão de ser dos falcões. Mas ao excomungar os fantasmas castrenses, Albert Einstein exaltou por excepção o militar de consciência civil que recusa a chacina heróica, a ordem cega, a arrogância de casta e por isso está isento de complexos culturais. Só esse, sem contrariedade nem faz-de-conta, é capaz de democracia, e é a esse que devemos a liberdade que hoje temos. Ao protestar na Assembleia a oposição tomou a parte nobre pelo todo e foi a subserviência que se viu.

Na Dinamarca, Sir William, na Dinamarca é que eu me quero, apesar dos avisos do Príncipe Hamlet. Verdade, foi precisamente o que me ocorreu quando li as oratórias dos deputados à Assembleia (com Wagner em fundo brando) contra a expoliação das Forças Armadas num país onde a sociedade civil, como sabemos, tem beneficiado mais que muito no trabalho e nos aforros e só comunica por Telecel.

Pensei na Dinamarca porque sendo o Reino dos Espectros e dos Discursos (“palavras, palavras, palavras”, prevenia-me o Hamlet pregado a cada esquina) foi lá que assisti ao milagre da exactidão num colóquio de Julho a ver o mar.

Aconteceu no Museu Lousiana, de Copenhaga, onde tinham lugar as sessões. Um conjunto deslumbrante de salas de arte moderna sobre um *green* povoado de esculturas de Giacometti voltadas para o oceano. Andei horas por aquele mundo. Visões, enigmas, volumes. Num mesmo espaço o retrato feroz duma personagem psicanalítica pintada por Bacon e a escultura hiperrealista dum *Executivo* amordaçado numa cadeira com a assinatura de Reutersward; a meio da sala outra escultura em tamanho natural, *A Secretária*, de Duane Hanson, a apontar qualquer coisa numa agenda, e mais adiante *A Mulher da Lavandaria*, de George Segal. Personagens do nosso desencanto quotidiano. Todas elas resignadas ao vazio que nos habita.

Assim, por salas e corredores, ia dar ao estúdio onde decorriam os colóquios e aí tudo se derramava em discursos semióticos pontuados com citações para a eternidade. Uma conspiração de luzes falsas, lembrava-me aquilo. Sobretudo na tarde em que Frei Arroyo Corbalán resolveu pôr em cima da mesa a poesia de Santa Teresa com erudições de prenúncios e mistérios, o divino Esposo, as Moradas do Céu, as ciladas do verbo e as rimas da alma, Deus meu.

Clarões. Clarões errantes. Um lusco-fusco por cima dum corpo vivo que alguém lia em letra fúnebre. E era Verão, torno a lembrar. E o estúdio fechava-nos a toda a

largura com uma vidraça sobre a grama povoada de Giacomettis até ao mar. E Santa Teresa pesava-nos, anoitecia-nos.

Mas de repente todos nos voltámos para a vidraça e vimos entrar na relva raparigas em *topless* e rapazes de máscara submarina acabados de sair do mar. Foi o milagre da luz exacta, o despertar. Aberto ao sol, correndo por entre as elegantes esculturas de Giacometti, aquele alvoroço trouxe uma claridade súbita à poesia de Santa Tereza. Uma claridade que a libertava da retórica do abstracto que nos tinha anulado também a nós.

Esta semana andou por aí uma sagrada família convertida aos índios comanches. Vieram de Descartes e em discurso gaulês, por que foram dados ao mundo na França do consumo e da ciberfrenia e, seguindo uma luz de redenção, descobriram a América dos bizontes e das pradarias.

Dizem agora os jornais que os pais iluminados e o seu menino de Deus apontaram à Cova da Iria em busca duma azinheira que lá há. Não sei se a encontraram mas pelo menos ainda não saíram do Santuário porque lhes falta uma luz qualquer no discurso que traziam para o regresso.

Acontece. Ao melhor pregador tira-lhe Deus a vírgula e põe-lhe o Diabo o verbo.



ALICE GEIRINHAS